Caldas da Saude

TRATAMENTO:

Uso interno

Enterite muco-membranosa, doenças das vias urinarias, etc.

Uso externo

Doenças de pelle e rheumatismo.

Este estabelecimento funcciona de junho a outubro

VAGO

Disponivel

DIRECTOR

JOSÉ COELHO D'ANDRADE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TYPOGRAPHIA MINERVA

FAMALICÃO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE SOUZA TREPA, 30-40

SANTO THYRSO

1.ª SÉRIE

N.º 3

AGOSTO

DE

1912

SUMMARIO:

A Misericordia de Santo Thyrso, J. Coelho d'Andrade
Quadras, Afonso Mota Guedes
A doença de S. Roque, J. A. Pires de Lima
Festas de S. Bento, Mario Carneiro
Moinhos, Júlio Brandão
Influências estrangeiras em Eça de Queiroz, João de Meyra
Cantar de rapariga, Roberto de Macedo
O Amor-silencio, Luiz Coelho
Dr. Antonio Augusto Soares Rodrigues Ferreira, J. C. d'A.
Santo Thyrso ha trinta annos, Do Jornal de Santo Thyrso
Theses, ***
Varia ***
Gravador, Marques d'Abreu

CONDIÇÕES:

A gazeta "O AVE" sahirá
— com a regularidade possivel —
todos os mezes.

PREÇO:

Cada série de numeros,
num total de 120 paginas, 600 réis.
Para o Brazil e Colonias 1$200 réis.
Pagamento adeantado.

ANNUNCIOS:

Preços convencionaes.

CORRESPONDENCIA:

Para qualquer assumpto ligado a esta redacção,
dirigir-se ao Director.
E o que respeita á administração
tratar-se-ha na séde,

RUA DE SOUZA TREPA, 30-40

AGOSTO DE 1912

SERIE 1.ª

NUMERO 3

Proprietario e Editor
O DIRECTOR
José Coelho d'Andrade

REDACÇÃO
Rua de Souza Trepa, 30-40
SANTO THYRSO

Gazeta de S.to Thyrso

A Misericordia de Santo Thyrso

Foi esta a mais bella obra dos thyrsenses, a mais completa, e a que ainda hoje representa toda a nobreza e munificencia de conterraneos nossos, a quem tributamos de alma e coração, o amor, a gratidão, e o respeito de que se tornam credores pela sua obra de philantropia e caridade. Exerceu-se em alto grau esta virtude, minorando a desgraça da humanidade soffredora, que no nosso meio encontrou almas generosas que lhe procuraram o conforto, affastando-a da desventura, da angustia e da miseria.

O orphão é acalentado, como o inválido é amparado, nessa bella instituição do Asylo que orgulhosamente possuimos.

E o enfermo, tem o Hospital, uma excellente edificação, alem de grandes recursos para todo o moderno tratamento medico e cirurgico, não permittindo que o necessitado e doente se resinta da horrorosa miseria, que lhe possa bater á porta.

E para esta grandeza, uma dotação tão importante, thyrsenses houve que denodadamente, com solicitude e dedicação se lançaram a trabalhar, com desinteresse e abnegação, exibindo a nobreza dos seus sentimentos, afidalgando-se e enobrecendo-se com titulos de virtude, os que melhor se deixam gravados nas paginas da historia, e no espirito da humanidade.

O nobre Conde de S. Bento, dissipou avultadas sommas em toda a especie de beneficencia, contribuiu com donativos importantes para todos os melhoramentos da terra, mas nenhum como o do Hospital deixará perpetuada a sua memoria, e vincu-

lado o seu nome que tão respeitosamente veneramos.

E assim sob este lindo ceo azul, onde a natureza prodigalisou riquezas sem par, tambem o homem creou a fonte maravilhosa da beneficencia, para que a dôr encerrada no recanto dos pobres, se desprendesse, alliviando-os da existencia amarga, da sombra densa da morte e do desespero, que lhes estalava o peito premendo-lhes o coração.

A Misericordia de Santo Thyrso tem a sua historia, que nos despertou a vontade de conhecer, colijindo documentos que mais ou menos a completem, e que em synthese daremos hoje aos nossos apreciados leitores.

Em 1876 uma comissão de senhoras, nomeada pelo missionario nosso hospede monsenhor Luiz Vianna, natural de Espozende, que foi director espiritual do Seminario do Porto, começou por angariar donativos para se fundar um hospital nesta villa. Tendo á frente a verdadeira fundadora, D. Maria do Carmo de Freitas Costa Azevedo, compunha-se de mais sete senhoras, que eram D. Virginia Candida de Souza Azevedo, D. Maria Emilia de Souza Monteiro, D. Anna Augusta Monteiro Guimarães, D. Maria José da Fonseca Pedrosa, D. Henriqueta Fragoso, D. Casimira Rosa Barbosa e D. Ignez Teixeira de Queiroz.

Esta comissão, composta de senhoras dotadas de excelsa virtude, empenhou todo o seu esforço para a instituição que projectava, resolvendo a organisação dum bazar, com o producto do qual dariam o primeiro impulso á sua obra.

Obtiveram donativos em dinheiro importantes, como o do Visconde de S. Bento, de 67$500 reis, e offertas magnificas com que abriam o bazar em 24 de junho de 1876. Foi arrojada a empreza e surtiu com gloria todo o seu effeito.

Foram muitas as offertas, e com o numero 455, encontramos nós, uma sacca bordada. Este numero, segundo pessoa que assistiu nos conta, foi mais elevado. As prendas eram muitissimas, e suppomos que excedeu aquelle calculo, pois que duma lista incompleta e desordenada que possuimos, vêmos muitos objectos sem numeração.

As prendas abundaram em objectos de casa, e productos de trabalho manual, como almofadas bordadas, algumas de seda, pannos de crochet, camisas, travesseirinhas bordadas de crochet e de seda vermelha, uma, tapetes com uma cruz forrada de setim branco, carapins de crochet, babeiros, caixinhas bordadas, laços e saccas.

Entre os objectos, alem de muitas roupas brancas, havia quadros pintados, castiçaes de caramujos, jarras de louça, livros de musica, estampas, cestinhas com fructas artificiaes, adereços de louça e de aço, escapularios, bustos, desenhos, descanços de relogios, tinteiros, relogios, e uma infinita variedade de

pequenas coisas que podemos calcular por esta pequena resenha.

O bazar effectuou-se nas galerias do extincto Mosteiro, que estiveram expostas por alguns dias, e sempre com grande animação, como nos consta d'uma allocução da referida senhora D. Maria do Carmo feita em 15 d'Abril de 1882 ao Visconde de S. Bento, na occasião da sessão do auto da posse do Mosteiro.

Com o producto dos donativos e das prendas, a comissão de senhoras resolveu logo começar a execução do seu objectivo, e para isso tratou de arrendar uma modesta, casa onde montou uma enfermaria com quatro camas, accudindo assim ás primeiras e mais urgentes necessidades dos doentes pobres, tendo ao mesmo tempo dado o incentivo a todas as pessoas generosas e caritativas de exercerem o seu altruismo com benesses e legados para o conseguimento do hospital.

Em 27 de Maio de 1877, depois de prévia concessão, foi aberto com solenidade esse primeiro estabelecimento de caridade que funcionava com o titulo de «Casa de Saude», sendo sua administradora D. Maria do Carmo de Freitas Costa Azevedo. Existe ainda hoje essa casa, modestissima, sita na antiga Rua de Cyrilo Machado.

O movimento dos primeiros anos foi pequeno, mas importante.

Esta casa de saude prestou logo no seu inicio relevantes serviços, tratando com desvelo e carinho uns cinco doentes, pobres trabalhadores que ali deram entrada, horrivelmente queimados pela explosão de polvora que em 13 de setembro de 1881, se deu no caminho de ferro de Guimarães.

Por um relatorio da sua fundadora, sabemos que até aos principios de 1882 tinha prestado soccorros este estabelecimento de caridade a 19 doentes, dos quaes apenas trez falleceram, victimas da explosão citada.

O Visconde de S. Bento tendo conhecimento dos seus mingoados recursos, contribuiu com 45:000 reis e duas peças de panno para aqueles infelizes trabalhadores.

Foi depois d'isto que D. Maria do Carmo aproveitando a solemnidade da posse do Mosteiro se dirigiu ao nobilissimo Conde de S. Bento, e declarando-lhe que teria de fechar a sua casa de saude, por ter esgotado quasi todos os meios, appellava para o magnanimo coração do futuro fundador do hospital da villa.

Como acto de verdadeira justiça, não deve esquecer a memoria do sobrinho do Conde, João Torquato Martins Ribeiro, que dispendeu grande actividade e energia para o conseguimento do hospital, trabalhando intensamente naquella obra e influenciando seu tio na execução dum plano que desinteressadamente dirigiu.

A casa de saude ia vivendo com custo, e devido aos esforços de muitas senhoras da nossa terra que

devotadamente prestavam por todas as maneiras o seu mais generoso auxilio, se foi sustentando. Era medico daquella casa o Dr. Pedrosa que gratuitamente a servía. E de enfermeira fazia uma senhora, de nome Ignez, que com extraordinario zelo tratava dos enfermos.

E frizaremos bem neste logar, o denodo, o heroismo e a abnegação de D. Maria do Carmo que pelos cuidados prestados a um dos trabalhadores queimados, se infectou, e adoeceu tão gravemente, que quasi foi victimada.

A sua memoria deve relembrar-se com o respeito que as santas impõem, e os heroes inspiram.

Um dos sobreviventes daquella horrorosa catastrophe é o sr. José Pinto de Carvalho, hoje cirurgião dentista, no Porto.

Apuramos que o producto das prendas vendidas no bazar foi de 214$865 reis; e que o producto d'alguma sexistentes seria d'uns 35$000 reis. E com os donativos importantes de muitos bemfeitores que subscreveram com verbas importantes como o comendador Manoel José Ribeiro, futuro Conde de S. Bento, já referido, Albino José da Cunha com 100$000 reis, e muitos outros com 30$000 reis, e ainda de 20$000 reis, deu uma soma de 902$535 reis.

Com esta quantia viveu a Casa de Saude, que mais tarde teve de fechar, até que uma comissão de individuos succedeu á das senhoras e se resolveu a reorganisal-a fundando a Santa Casa da Misericordia.

Em 30 d'Agosto de 1885 estava já completamente formada, sendo a primeira mesa composta dos senhores Bernardino Alves Barbosa Santarem, provedor, e do Dr. Antonio Carneiro Pacheco, vice-provedor. Era secretario José Maria de Souza Azevedo, vice-secretario Francisco José Telles da Cunha e thesoureiro Ricardo Pereira da Rocha. Os restantes membros da meza eram Antonio Caetano Corrêa do Amaral, Antonio Campos Miranda, Antonio Moreira Vasconcellos e Francisco de Souza Trepa.

E vogal da comissão administrativa, o Abbade Joaquim Pedrosa. Os cargos acima descriptos foram distribuidos por eleição. Juntamente, funccionava o definitorio composto dos seguintes membros:

Abbade Joaquim Pedrosa, Dr. Antonio Rodrigues Ferreira, José Machado Faria e Almeida, João Augusto de Souza, Miguel Andrade, Guilherme Costa Leite, Francisco Alves Moreira, Joaquim de Souza Oliveira, João de Souza Teixeira, Antonio Augusto Ribeiro d'Andrade e Dr. Antonio Marques Coelho.

A Misericordia continuou com a Casa de Saude instalada no mesmo predio da Rua Cyrilo Machado, pertencente a Anna Bernardina, que ainda hoje existe, e pagava de renda 28$800 reis por anno.

Passou porem a chamar-se Hospital Provisorio de S. Bento, aquela instituição de caridade.

D. Maria do Carmo fez entrega de todo o mobiliario e demais objectos existentes na Casa de Saude por ella administrada e bem assim das prendas do bazar que não tiveram venda.

E ao mesmo tempo conseguia dois donativos importantes um de 500$000 reis de Albino José da Cunha e outro de 1:000$000 reis da Condessa de Azevedo.

Em sessão de 28 de Janeiro de 1886 a meza resolveu por unanimidade lançar na acta um voto de louvor áquela benemerita senhora, em homenagem aos seus excessivos esforços e assiduos trabalhos, e em 14 de dezembro de 1887 conferiu-lhe por distinção, o diploma de irmã benemerita.

A Camara comunicou nessa mesma data que forneceria todos os medicamentos para os enfermos daquella Santa Casa.

Foi nomeada enfermeira Anna Flauta, do logar do Picôto.

Varios legados começaram a ser deixados a esta Misericordia, e que designaremos mais tarde em conjuncto.

Apontaremos apenas o de Joaquim da Costa Araujo, que além duma dadiva de 100$000 reis, declarava em testamento que no caso de suas irmãs não terem herdeiros legitimos, os seus bens de raiz no valor duns 10:000$000 reis, passariam para esta instituição. Existem actualmente duas dessas irmãs com mais de 60 annos de edade, e sem herdeiro algum. Parece portanto que tal fortuna vai reverter para esta casa de caridade.

Neste logar ainda nos referiremos a um sarau gymnastico que em 15 de setembro de 1886, promoveu Eduardo Alves da Cunha, em beneficio do hospital.

Em 1888, já se trabalhava no edificio para a sua installação definitiva; mas só em 7 d'Agosto de 1891, dia do anniversario do nobre Conde de S. Bento, recebe Santo Thyrso a doação dessa casa do hospital.

O illustre titular declara ainda entregar 100$000 reis mensaes, alem do pagamento ao facultativo, Dr. Ferreira de Lemos, para tratar ali de todos os doentes, que eram então 38.

O Conde de S. Bento recebeu o diploma de provedor honorario e perpetuo, e em 4 d'outubro de 1891, assiste á sessão, de cuja acta recorto o seguinte extracto: «Disse o Conde, que tendo conhecimento de que esta Irmandade, não possue os meios necessarios para afincadamente corresponder ao espirito e fim desta instituição de caridade, afim de poder dispensar decidida protecção aos infelizes que aqui procuram abrigo e amparo, resolveu custear as despezas precisas, logo que sejam exgotados os recursos, de que esta Irmandade póde dispôr, e emquanto lhe não fizesse uma dotação condigna da qual já tratava».

Nesta epocha foi tambem resolvi

do admittir as irmãs de caridade como enfermeiras.

E' em Janeiro de 1892 que a Santa Casa reune extraordinariamente, e resolve por unanimidade promover uma subscrição publica para erigir a Estatua ao Conde de S. Bento, em signal do pagamento duma divida de gratidão. A meza dispensou para isto um trabalho insano e a auxilial-a teve uma sub-comissão no Brazil, que lhe angariou donativos importantes, e á frente da qual ainda se vê João Torquato Martins Ribeiro. A mesa resolveu dar o diploma de socios honorarios a todos os membros desta comissão, e bem assim a todos aquelles que subscreveram com mais de 30$000 reis.

Ainda no fim da vida, o Conde, o grande obreiro da caridade da nossa linda terra, offereceu 3:200$000 reis para uma capella do hospital, com 14 metros de comprido.

Pouco depois desapparece, mas de mais de metade da sua avultada fortuna, foram herdeiros os pobres.

No seu testamento institue seu sobrinho José Luiz d'Andrade, herdeiro do usofructo da sua fortuna, revertendo a propriedade, por sua morte, para uma corporação de beneficencia. Parece que influiu no espirito de José Luiz d'Andrade, o seu procurador, Commendador Bernardino da Costa e Sá, para que escolhesse esta Misericordia e com ella transaccionasse a fortuna, dando-lhe desde aquelle momento, a metade correspondente ao valor do usofructo.

Foi o que se fez por escriptura de 21 de Fevereiro de 1894, depois da resolução da meza e da petição feita ao Governo, de que é auctor o Dr. Eduardo da Costa Macêdo.

A transacção fez-se, porem, excluindo da soma total da fortuna as duas quintas do Mosteiro, que por vontade expressa de José Luiz d'Andrade, seria entregue á Misericordia, para um asylo agricola pelo systema dos dirigidos por Fellenberg e Wehrli, sectarios de Pestalozzi.

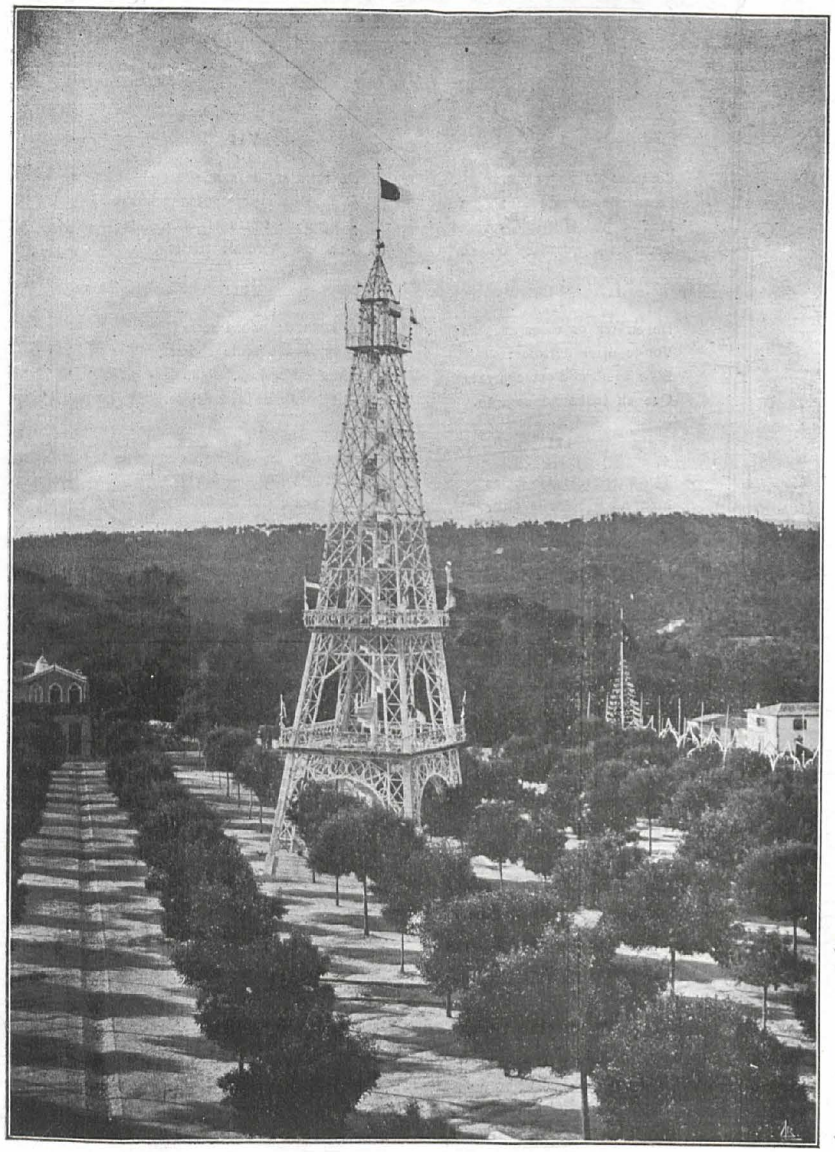
Em sessão de 4 de Março de 1894 é concedido a José Luiz d'Andrade o diploma de irmão benemerito, e lançado um voto de louvor ao Commendador Costa e Sá, pelo que contribuiu para a feitura daquelle contracto.

O hospital, no tempo que medeou desde a morte do Conde ao contracto, foi sempre soccorrido por José Luiz d'Andrade com o mesmo auxilio de seu tio.

Do pessoal daquella casa fazia parte o capelão Padre Miguel Ribeiro de Miranda e o escripturario Felix José Moreira Vasconcellos actualmente tambem fiscal e que com prévia auctorisação amavelmente nos franqueou alguns documentos.

Proseguiremos num outro artigo, tratando cumulativamente da parte economica e technica desta magnifica instituição.

JOSÉ COELHO D'ANDRADE



A TORRE EIFFEL QUE SERVIU PARA AS ILLUMINAÇÕES DAS ULTIMAS FESTAS DE S. BENTO

(Cliché de José de Varziela)

QUADRAS

I

Corações de pedra dura
Esses não choram de magua
Mas as pedras quantas vezes
Teem os olhos razos d'agua.

II

De eu ter os olhos escuros
Vou-te dizer a razão:
E' a sombra d'um cypreste
Que eu tenho no coração.

III

Tinha palavras tão belas
Meu Amor, p'ra te dizer
Mas não vieram á boca,
Aos meus olhos foram ter.

IV

Os nossos olhos são buzios...
Dizem-nos bem a canção
Das ondas do sentimento
Que batem no coração.

V

Lagrimas são beijos d'agua
Com que beija o coração
Que por serem mais humildes
Deixam-se caír no chão.

VI

O Amor é roseira brava
Nasce no monte e no val'
— Ha rosas por toda a parte
Do meu doce Portugal.

VII

De retratar, de sentir
A paysagem portuguêsa
A agua de Portugal
Tem um chôro de tristesa.

VIII

A agua da minha terra
Quando nos sente chorar
Anda mais devagarinho
Com pena de nos deixar.

IX

«Tudo passa nesta vida»
E a gente fica a chorar;
— A agua lá vae passando
E eu bem a sinto passar...

X

Lagrimas, aguas de luto
No exilio do coração.
Tem saudades da terra
E sobem, tombam, lá vão...

XI

Que lindo luar na serra
Lindo luar d'encantar!...
Hoje a Lua com certeza
Que teve novas do mar.

AFONSO MOTA GUEDES.

A DOENÇA DE S. ROQUE

A Bíblia, e a História eclesiástica são fontes inexgotáveis de obras de arte.

Quantas maravilhas de arquitectura, de escultura, de pintura e mesmo de poesia e de prosa nos legaram as gerações de crentes que nos precederam!

Percorrendo os museus de arte antiga, os edifícios monumentais dos séculos passados, ou lendo as velhas epopeias, podemos avaliar a influência da fé religiosa na concepção de tantas das mais grandiosas produções artísticas do espírito humano.

Ainda hoje, apesar da derrocada que ha século e meio vão levando as ideias religiosas, os artistas aproveitam com frequência assuntos sacros para as suas criações.

E não são apenas os pintores e os escultores que vão procurar a inspiração ás velhas crenças. Tambem os mestres da literatura o fazem; basta-nos recordar Flaubert e o nosso Eça de Queiroz, que ao *Flos Sanctorum* foram buscar as vidas de alguns santos para as revestir do estilo mais delicadamente artístico, fazendo delas contos dos mais emocionantes das modernas literaturas.

Não são apenas obras de arte que pódem ir rebuscar-se naquelas fontes.

A crítica histórica, a crítica literária e artística teem muito onde exercer-se nos produtos da fé religiosa dos nossos antepassados.

Até as sciências médicas pódem ocupar-se, e muito se teem ocupado já, de tais assuntos, colhendo dados para a história da medicina e fazendo por assim dizer a clínica histórica. O *Antigo Testamento*, por exemplo, mostra-nos com toda a clareza que já os antigos judeus sofreram flagelos iguais aos que ainda hoje mortificam a humanidade, como a peste, a lepra, etc.

*

Nas minhas leituras dêste começo de férias encontrei assunto para umas singelas notas médico-literárias, que o colega e amigo José Andrade me exige implacavelmente para a sua revista.

O tema que aproveito é a vida de S. Roque, a sua história mórbida e a sua representação iconográfica.

Eis a vida de S. Roque, confessor, cuja festa a Igreja celebra a 16 dêste mês, e tal como ingenuamen-

te a descreve uma obra do século XVIII (1):

«Era natural de Montpellier e filho dum rico senhor feudal. Virtuoso desde a infância, logo que seus pais morreram distribuiu parte dos bens pelos pobres e legou o resto a um tio.

Professou, fez-se peregrino e marchou em direcção a Roma. Ao passar por Aquapendente, onde grassava uma peste, ofereceu-se para tratar dos doentes. Os carbúnculos pestosos saravam, mal Roque, em cima dêles, fazia o sinal da cruz.

Em Roma, e outras cidades italianas, obrou prodígios análogos.

Nosso Senhor avisou-o que êle seria atacado duma febre quente, e que seria ferido por uma flecha que lhe atravessaria uma coxa. E tudo isso sofreu com a mais alegre resignação.

Regressando á pátria, foi no caminho atacado de outra doença que o teve prostrado num bosque, em completo abandono. Só um cão o procurava todos os dias, levando-lhe pão com que se alimentou durante algum tempo.

Chegado a Montpellier, onde então havia guerra, não se deu a reconhecer, foi preso á ordem de seu tio e lançado em uma prisão, por suspeitas de espionagem.

Ao cabo de cinco anos morreu no cárcere, de um ataque de peste.

Foi em 1327 e tinha S. Roque 32 anos.

Depois de morto, encontraram-lhe um escrito, que dizia: — Os que forem feridos de peste, e implorarem o favor de Roque, serão curados.

Só então se soube quem era o prisioneiro».

*

A representação iconográfica de S. Roque varia muito, e nem sempre está rigorosamente de acordo com a vida acima transcrita.

Na obra citada vem uma estampa com a imagem de S. Roque em traje de peregrino, sentado debaixo de uma árvore e com o cajado ao lado. Um anjo aponta para uma ferida que êle tem na face externa da coxa direita e um cão traz na boca o pão que ha-de alimentar o santo.

A lesão da coxa representa certamente a que lhe teria sido produzida pela seta.

No capítulo — Os pestíferos — duma esplêndida obra de Richer (1) várias imagens de S. Roque enriquecem a iconografia artística da peste.

Pietro de San Vito (1513) representa S. Roque apoiado ao seu bordão, e mostrando um bubão pestoso na região inguino-crural esquerda.

Num belo quadro de Francesco Carotto, proximamente da mesma época, vê se tambem aquêle santo com o inseparavel bordão de peregrino e a concha presa na túnica, a mostrar o seu bubão, que desta vez se localisa no triángulo de Scarpa, mas á direita.

Nma estatueta do século XV, publicada igualmente em Richer, apresenta um grande bubão, tambem á direita e com as veias superficiais do membro inferior muito dilatadas.

Richer chama a essas saliências cordões de linfangite. Não me parece que tais lesões quizesse representar o desconhecido escultor.

As saliências são demasiadamente grossas e, além disso, a linfangite prostraria febrilmente o santo, que não poderia levantar-se na postura em que se encontra.

O terror das trágicas epidemias da Idade Média criou tambem entre nós uma fervorosa crença no poder sobrenatural de S. Roque.

Por toda a parte se erigiram capelas votivas, ou se lhe levantaram altares ou nichos nas igrejas do nosso Minho. No concelho de Santo Tirso lembraremos a capela de Santa Cristina, restaurada recentemente pelo benemérito Conde de S. Bento e a imagem de S. Roque da igreja de Areias, abaixo reproduzida pela foto-gravura, e que, apesar de tôsca e sem o menor valor artístico, ainda atualmente faz ajoelhar diante dela, todos os domingos, dezenas de fervorosos crentes.

Tal é a força da tradição que deixou, através de sete séculos, a memória do piedoso e joven fidalgo de Languedoc!...

S. Roque da Egreja d'Areias

Como se vê, o S. Roque da minha terra é uma estatueta absolutamente privada de verdade anatómica e de linhas artísticas.

A cabeça é pequeníssima, e, pelo contrário, as mãos são exageradamente grandes, de acromegálico.

A túnica, pesadissima, afásta-se-

(1) Les nouvelles fleurs des vies des saints et fêtes de l'année — Lyon M. DCC. LX.

(1) *Paul Richer* — L'art et la médecine, Paris, Gaultier, Maquier et C.ie.

lhe artificialmente em baixo, deixando-lhe vêr, na face interna da coxa esquerda, logo acima do joelho, uma lesão, que poderia representar um carbúnculo.

Um cão inverosímil trepa-lhe ao cano da bota esquerda e pretende, segundo parece, aproximar o longo focinho da lesão do santo.

O pau, a cabaça e a concha são atributos clássicos de peregrino.

Esta imagem deve ser muito antiga, e muitas gerações de cristãos se terão prostrado diante dela, implorando a S. Roque que os livre de pestes, de fome e de guerra!

Ha cêrca de 20 anos (com que saúdade o recordo!) o S. Roque de Areias achava-se totalmente desbotado, sem o mais ligeiro tom côr de rosa a avivar-lhe as partes nuas. Era todo um blóco descolorido com a mesma *patine* uniforme dada pelo pó dos séculos.

O reverendo Abade que então paroquiava a freguezia resolveu mandar encarnar de novo o santo. Por algumas semanas faltou êle no seu nicho, até que um domingo reaparece sobre o altar-mór, ao lado do padre, ostentando-se reformado, com a túnica pintalgada de côres garridas. Para evitar que a atenção dos fieis fosse desviada, o sr. abade determinou que S. Roque ficasse durante algumas semanas junto de si. Só depois que o povo de Areias se habituou á nova *tenue* do santo é que êle foi trasladado outra vez para o seu nicho.

*

Foram tam pavorosas as hecatombes produzidas pela peste em remotas eras que se compreende bem como o Advogado celestial contra as epidemias logrou ser tão reverenciado pelos povos eivados de misticismo como o nosso.

Aquela doença, que nós não podêmos hoje considerar exótica, depois das recentes epidemias do Pôrto e dos Açores, em regra não tem agora as consequências terrivelmente mortíferas de outros tempos.

Esse resultado deve-se indubitavelmente aos progressos brilhantíssimos da higiene moderna.

Percorrendo a literatura histórico-médica que pude haver ás mãos, nada encontrei que confirmasse a existência na Europa, no tempo de S. Roque, de qualquer epidemia de peste.

A maior parte dos historiadores, mal versados em assuntos médicos, chamava *peste* a qualquer doença epidémica, muito mortífera, ou mesmo ás grandes fomes da Idade-Média.

S. Roque teria morrido em 1327 e a primeira epidemia de peste nitidamente confirmada na Europa, na Idade Média, foi a *peste grande*, *peste negra*, ou *grande mortandade*, que devastou em 1348 mais de metade da população do mundo conhecido.

Antes da Peste grande, muitas epidemias houve nos séculos XIII e XIV, mas não pódem identificar-se com a peste.

O Dicionário de Déchambre (1) cita as pestes de Itália (1242-1243), de Milão (1254), a do exército de S. Luiz (1270), de Inglaterra (1307), de Veneza (1311) e de Italia (1316-1317), antes da *peste grande*. A maior parte destas epidemias não deviam ser de peste. Pelo menos não ha elementos para fazer tal diagnóstico.

Renzi (2) não cita epidemias anteriores á *peste negra* do século XIV, e o mesmo sucede a Dupouy (3).

Morejon (4), antes da *peste geral* ou *primeira mortandade* do século XIV, menciona ás seguintes epidemias espanholas:

Em 1214 epidemia de *Fogo de San Anton.*

Em 1217 seca, fome e peste, com grande mortalidade.

Em 1230 epidemia que despovoou quasi por completo a Ilha Maiorca.

Em 1283 epidemia no exército invasor de Filipe de França; dela teriam morrido 40:000 soldados francêses.

Em 1296 peste de que morreria o infante D. Pedro de Aragão.

Em 1333 grande fome em Barcelona, que vitimaria 10:000 pessoas.

Em Portugal tambem não ha notícia de terem grassado epidemias de peste autêntica antes de 1348 (1).

As crónicas narram o aparecimento de *pestes* que assolaram Portugal em 1188, 1202, 1310 e 1333. Não se encontra nelas, todavia, a sintomatologia suficientemente descrita, para que se possa dizer com segurança que a peste verdadeira algumas vezes aparecesse em Portugal antes da epidemia do meado do século XIV. A mortandade de 1333 foi causada pela fome.

Como se vê, nenhum dos autores citados faz menção de qualquer epidemia de peste no sul da Europa, na época em que teria morrido S. Roque.

Se êle existiu realmente no princípio do século XIV, a sua poética lenda formar-se-ia talvez um pouco mais tarde que a data a que se atribue a sua morte (1327).

Deveria formar-se sob a impressão de pavor que em toda a parte deixou a *Morte negra* do meado daquele século.

(1) Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales — V. Peste.

(2) Storia della Medicina in Italia pel cav. *Salvatore de Renzi*, T. 2.º 1845.

(3) Le Moyen Age médical, por *Edmond Dupouy* — Paris 1895.

(4) Historia bibliografica de la Medicina española, por *Morejon* — T. I, Madrid 1842

(1) Memorias de epidemologia portugueza, por *Vieira de Meirelles* — Coimbra, 1865. — Historia da Medicina em Portugal, por *Maximiano Lemos* vol. I.

A *Morte negra* ou *Peste negra* foi a epidemia mais mortífera de que ha memoria.

Todos os autores que dela se ocupam traçam com as côres mais sombrias a narração dessa praga.

Entre os escritores contemporáneos que a ela se referem, devemos mencionar Bocácio, uma das maiores glórias literárias italianas e o célebre cirurgião Guy de Chauliac, professor da Universidade de Montpellier e médico do papa Clemente VI.

Chauliac descreve magistralmente as duas formas de peste: pulmonar e bubónica. A primeira caracterizada por febre contínua e escarros de sangue, que matava em tres dias; e a bubónica, com febre contínua e apostemas e carbúnculos, principalmente nas axilas e nas virilhas. A primeira sobretudo era eminentemente contagiosa e mortífera. Faz-nos lembrar a epidemia de peste pulmonar, que ha alguns anos surgiu no Hospital do Terço, do Pôrto, atacando todas as pessoas que se aproximavam sem cuidado dos primeiros doentes, e vitimando todos os atacados, no número dos quais se conta o saudoso médico Agostinho de Faria.

Se não se procede a um rigoroso isolamento dos contagiados, segundo as praxes da moderna higiene, teriamos uma reedição das tremendas pestes da Idade Média.

Recordaremos tambem a epidemia de peste pulmonar que ha cêrca de dois anos devastou a Manchuria.

Faz calefrios a descrição da *peste negra* do século XIV feita pelos escritores coevos.

O pai não visitava o filho, nem o filho o pai—diz Chauliac. A caridade era morta e a esperança abatida.

Os médicos de nada valiam porque eram todos atacados e poucos escaparam. Os que conseguiam salvar-se fugiam em debandada. Não fez isso o insigne Chauliac:

«Et moy, pour éuiter infamie, n'osay point m'absenter; mais auec continuelle peur, me préservay tant que je pûs». De nada lhe valeram as cautelas, porque o atacou a peste bubónica, tendo-o ás portas da morte durante mês e meio.

Não pode averiguar-se ao certo qual foi a mortalidade, porque os dados não condizem.

Segundo um autor que tenho presente, a peste, em quatro anos, a partir de 1347, fazia 75 milhões de vítimas.

Em Florença morreriam 100:000 pessoas, em Londres outras 100:000, em Avignon 150:000, havendo tambem uma terrivel mortandade em Portugal.

Não escapavam as famílias reais; por essa época morreram de peste Joana de Borgonha, mulher de Filipe VI, Joana II de Navarra, Afonso XI de Castela, etc.

Os que se salvavam fugiam espavoridos, agrupando-se em bandos que eram atacados de vesánias coletivas, constituindo a seita dos flagelantes.

Atribuiram a doença aos judeus, que teriam envenenado as fontes, causando assim o contágio. Muitos dêsses desgraçados foram queimados vivos para espiar a pretensa culpa.

A população de Portugal várias vezes foi devastada pela peste nos séculos XIV e XV.

Depois da peste geral de 1368, logo em 1384 a mesma doença atacava Lisboa, por ocasião em que a capital sofria o cêrco dos castelhanos. (1)

Em 1414, quando se preparava a expedição a Ceuta, nova epidemia de peste, em que morreu a rainha.

Houve nova epidemia em 1438 e outras ainda, muito mortíferas, em 1569, e em 1579, depois da derrota de Alcacer Kibir.

A primeira destas últimas vitimava, só em Lisboa, 600 pessoas por dia. Essa peste, que dizimou o país no trágico reinado de D. Sebastião, matou mais de 60:000 pessoas em Lisboa.

Foi nessa era longínqua, quando a *Morte negra* levava o luto e o pavor a todos os lares, que o povo mistico daqueles tempos, desalentado pela impotência dos meios terrenos contra o inevitavel contágio, buscou um apoio sobrenatural, recorrendo cheio de fé ao Senhor S. Roque, advogado contra a peste, a fome e a guerra...

Agosto de 1912.

J. A. PIRES DE LIMA.

(1) *João de Meira — Arquivos de Historia da Medicina portuguesa*, 10-XII-1911.

Festas de S. Bento

Obra de arquivo se apresenta esta Revista, e certamente não deixará de ser interessante que alguns apontamentos a proposito do que foram as festas de S. Bento, de opulencia jamais excedida em Portugal, déla fiquem constando.

Não se acoimará com justiça de exagerado bairrismo a nossa afirmação. As festas de S. Bento foram, em tempos do dadivoso Conde, alguma coisa mais que vulgar arraial de rica romaria minhota, e mais alguma coisa foram que perdulario passatempo de uma povoação fortificada sobre o cofre de milionario bondoso. Muito de util para a agricultura e para as industrias e o comercio do concelho representaram pelas exposições e certamens realisados, dezenas de premios e de menções honrosas se conferindo aos melhores expositores.

Uma industria *sui generis* surgiu, sem duvida interessantissima e de real valor artistico — a industria das iluminações, obra de meia duzia de entusiastas habilidosos, que aos dominios do positivo e da sua fantasia foram buscar os origi-

nalissimos modelos, que causaram durante ános a admiração do forasteiro surpreendido. Porfiava-se nas mais bizarras criações — inteiramente ineditas e regionais, nenhuns pontos de contacto tendo com o que em abusivo eufemismo se denomina no vulgo — iluminação á moda do Minho...

Para um outro artigo reservamos a promenorisada descrição do que foram essas iluminações, por muitos titulos dignas de registo nestas paginas

O dinheiro do Conde transformava-se em mil e uma aplicações diversas. Nada havia qua não se imaginasse e — o que é mais — se não realisasse nesta abençoada terra, em que o máis extravagante projecto obtinha incondicional aplauso e deferimento, mal esboçado ainda!

A esta categoria pertence certamente a da construcção para as festas de 1890 de uma elevada torre de madeira imitando a magestosa torre Eiffel inaugurada um áno antes na Exposição Universal de Paris.

A arrojada concepção de Alexandre-Gustavo Eiffel, dominando do Campo de Marte com os seus 300 metros de alto toda Paris, seduziu os promotores das nossas festas, e á competencia do considerado mestre d'obras da vila Manuel Ferreira da Silva foi confiada a execução de uma miniatura da obra de Eiffel, na Praça Conde de S. Bento.

Da maneira cabal como se desempenhou falam os jornais da época e a fotogravura que «O Ave» hoje publica. Com cêrca de 42 metros d'alto, tendo as mesmas tres platafórmas do original, por vários ános se elevou pouco mais ou menos ao centro da referida praça, constituindo para o bom tirsensesinho um titulo de gloria de que desvanecedoramente se ufanar.

Paris teve Eiffel, mas Santo Tirso não consentiu a singularidade...

Foi a Torre do Ave, assim chamada, crêmos, o numero culminante destas festas de 1890, a que a imprensa portuense e provinciana se referiu em noticias de surpresa admiração.

A terceira plataforma acessivel ao publico elevava-se a 40 metros do solo, altitude consideravel donde se disfrutavam os mais rasgados horisontes.

Importou em cêrca de 400$000 reis a madeira empregada na sua edificação, e néla se ocuparam cerca de vinte operarios que a ultimaram em 15 dias.

Cabe a primazia da ideia ao considerado industrial Anastacio da Silva Carneiro.

Um diploma honroso para os seus constructores, em especial para o habil mestre d'obras? Por certo.

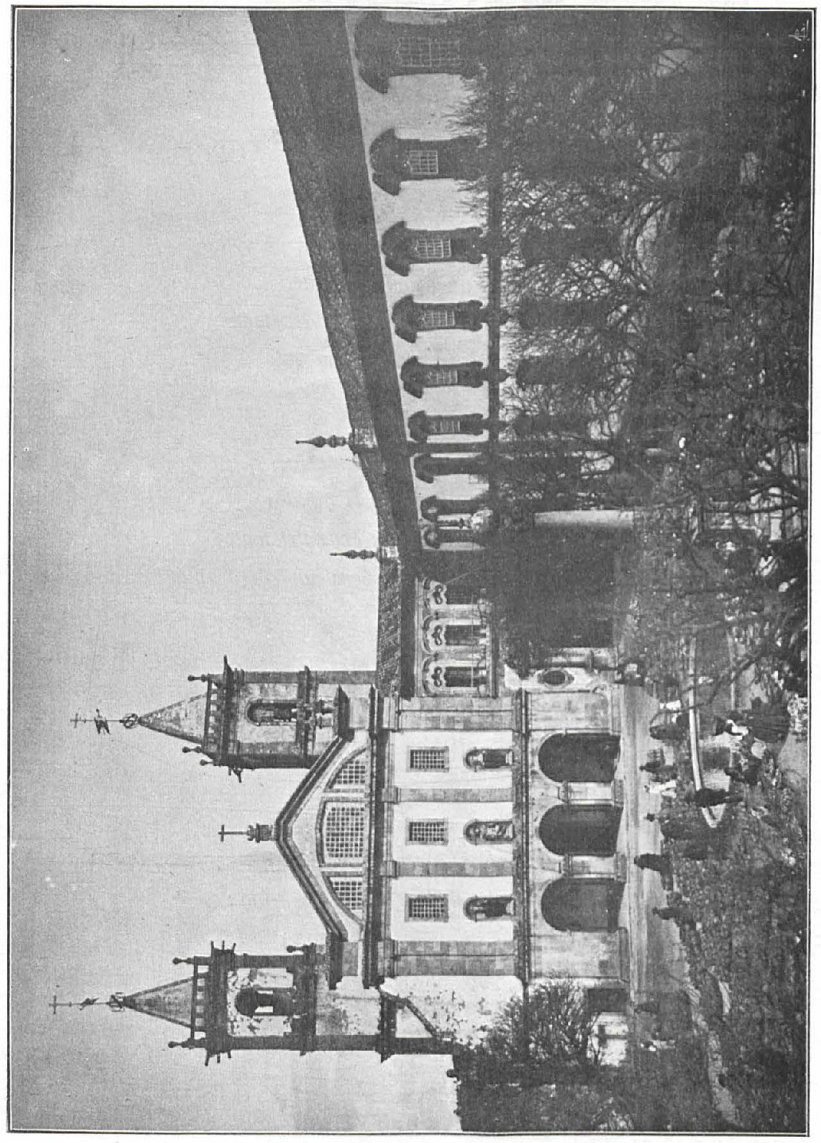
E já ultimamente, quando o malogrado Visconde de Cantim se propunha levantar a tradição das festas de S. Bento, se planeava, dando-se-lhe até começo de execução, a construção de uma ponte gigante... para tres ou quatro dias.

A profusissima iluminação distribuida pelos quatro flancos do monumento, encimado por um farolim munido de um fóco elétrico — que até nesse áno de 90 luz elétrica tivemos em explendorosas irradiações! — certificou bem de quanto é capaz o espirito inventivo da nossa gente, que a Lisboa levou quando de visita de Eduardo VII a fama granjeada em consecutivos ános de leal emulação.

Foi tal a impressão de novidade da luz elétrica no nosso meio que, segundo o cronista do «Jornal de Santo Tirso» de 17-7-1890, «a noite converteu-se em dia até onde incidiam os raios dos fócos, que brilhavam como sois»...

Ános volvidos apresentando certo risco a torre de que vimos falando, foi éla demolida, não sem que uma profunda saudade a acompanhasse até ao limiar da Historia, onde tanto tem entrada um heroi, como um facinora, uma obra d'arte, um acontecimento notavel, ou um vulgar *fait divers*. .

MÁRIO CARNEIRO.



FACHADA DA EGREJA E VISTA PARCIAL DO ANTIGO CONVENTO BENEDICTINO

(Clichê de José de Varzielas)

MOÍNHOS

Moínhos meus irmãos, no monte, ao vento,
Presos à terra, anciosos por voar,
Que sonho o vosso! Nunca o desalento
Vos cansa as asas, a bater no ar!

Dirão alguns, de leve pensamento,
Que é louco intento o vosso labutar;
E eu digo, ó meus irmãos em sofrimento,
Que a vida é um longo vôo e um longo amar!

Voar, amar, sofrer! Ó belos moinhos,
Que exemplo sabeis dar a quem não voa,
A quem anda de rojos pelo chão!

Voam os sonhos, voam passarinhos,
E quanto mais, melhor! Falam à toa:
— Voai, asas de amor, e dai-nos pão!

(Inédito).

JÚLIO BRANDÃO.

Influências estrangeiras em Eça de Queiroz

E não admira que Eça de Queiroz se cinja a escritores de nomeada porque é, ás vezes, a um romancista de terceira ordem que vai buscar inspiração, vasando contudo as mesmas ideias em forma mais brilhante e mas perfeita:

Era Alfredo de Musset que dizia nas suas patheticas estancias á Malibran, que em França, quinze dias fazem de uma morte recente uma antiga novidade. Talvez, quando é a Malibran que morre: quer dizer, um gorgeio d'ave que se perde na noite. Mas, se o que desapparece se chama Gustavo Flaubert e é auctor da *Madame Bovary* e da *Educação sentimental* — quinze dias ou quinze annos pódem passar sobre essa perda sem que a dôr envelheça.

E. de Queiroz—Echos de Paris, p. 11.

Est-il déjà trop tard pour parler encore de Gustave Flaubert? Ce n'est plus *quinze jours* comme au temps de Musset e de la Malibran, qui:

Font d'une mort récente une vieille nouvelle;

en quelques heures tout est dit; on ne parle plus guère de ceux qui s'en vont. A d'autres! Ce temps ci est visiblement très pressé. Pourtant lorsqu'il s'agit d'un écrivain tel que Flaubert, il est bien permis de s'attarder avec son souvenir.

J. Claretie—La vie à Paris, (1880) p. 131.

Mas é sobretudo com Flaubert que as semelhanças de forma se acentuam e se multiplicam, admirando que as não tenham apontado quantos sabem a influência que sobre Eça de Queiroz exerceu o mais brilhante prosador da lingua francêsa.

As analogias de temperamento artístico entre Eça de Queiroz e Gustave Flaubert não são novidade; grande parte dos que se teem ocupado do romancista lhes fazem referência.

Eça foi, como Flaubert, um romântico que a si mesmo se impunha a tarefa de estudos naturalistas. Como Flaubert o confessa:

quel bon «ouf!» je pousserai quand ce sera fini, et que je ne suis pas près de refaire encore des bourgeois!... Peindre des bourgeois modernes et français me pue au nez étrangement!

G. Flaubert—Correspondence, vol III, pag. 331 e pag. 385.

elle proprio o confessa tambem:

... il arrivait qu'en étudiant son voisin, petit rentier ou petit employé, on regretait le temps où il était permis, sans être démodé, de chanter les beaux cavaliers aux reluisantes armures.

E. de Queiroz — Lettre au redacteur de la Revue Universelle; á frente da ultima edição de *O mandarim*.

D'ahi encontrarem se em ambas as *escapades vèrs l'azur*, as *chevauchées atravèrs l'ideal*, a que Eça se refere na carta acabada de citar.

E assim a influência de Flaubert sobre Eça de Queiroz se não limitou à concepção artística, à técnica, aos processos, porque desce a pormenores de simples execução formal.

Os dois fragmentos seguintes, referindo-se ambos à Judeia, admitem a possibilidade de rememorar costumes colhidos pelos dois escritores numa fonte comum de informação:

A um lado tinhamos, para limpar os dedos, um bôlo de farinha branco, fino e molle como um pano de linho.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 318.

... o bando sordido dos servos do Templo e dos sacerdotes miseraveis que são nutridos pelos sobejos dos holocaustos..

E. de Queiroz — A reliquia, p. 305.

Chacun avait devant soi une galette de pâte molle, pour s'essuyer les doigts.

G. Flaubert — Trois contes, p. 224.

... scribes et valets de prêtres, nourris par le rebut des holocaustes ...

G. Flaubert — Trois contes, p. 234.

Já o mesmo não sucede com estas duas passagens:

... com uma grade baixa d'arame que a defendia dos escorpiões.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 214.

Além d'isso elle vira á porta d'um pagode uma cabra negra recuar!...

E. de Queiroz — O mandarim, p. 134.

... ses grillages d'airain qui le défendaient en bas des scorpions.

G. Flaubert — Salammbô, p. 2.

... j'ai vu dans un temple un bélier noir qui reculait.

G. Flaubert — Salammbô, p. 20.

pois que a casa referida na *Salammbô* é em Cartago e a casa descrita na *Reliquia* é em Jerusalem; pois que a cabra negra a recuar se dá como agoiro da China no *Mandarim*, quando o bóde negro ás arrecuas aparece como agoiro cartaginês na *Salammbô*. Só a influência directa do romance de Flaubert podia ter introduzido estas frases na obra de Eça de Queiroz.

A's vezes é uma comparação em tudo semelhante a outra de Flaubert:

... outras, erguidas, núas, brancas, com a cabeça escondida n'um véo preto, eram como esplendidos marmores entre os troncos dos alamos.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 123.

D'autres, la tête enveloppée d'un châle noir et le corps entièrement nu, semblent de loin des statues de chair.

G. Flaubert — La tentation de saint Antoine, p. 194.

As lagrimas rolavam pela sua face, tristes como a chuva por um muro em ruinas.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 312.

... et des pleurs coulaient sur sa face comme une pluie d'hiver sur une muraille en ruine.

G. Flaubert — Salammbô, p. 131.

A's vezes a analogia reside na scena:

... tomou a lyra entre as mãos vagarosas; a creança, direita, com as pestanas baixas, pôz á bôca uma flauta de cana.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 310.

Os dois lictores ergueram ao ar as varas rematadas n'uma figura d'aguia: o escriba gritou o nome de Caio Tiberio: e logo os braços frementes se abaixaram, e foi como um terror deante da magestade do Povo Romano.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 249.

Le joueur de kinnor se tenait accroupi derrière la porte, et le jeune garçon, debout, appliquait contre ses lèvres une flûte roseau.

G. Flaubert — Salammbô, p. 208.

Ils plantèrent contre la porte leurs douze faisceaux, des baguettes reliées par une courroie avec une hache dans le milieu. Alors, tous frémirent devant la magesté du peuple romain.

G. Flaubert — Trois contes, p. 190.

A semelhança pode aparecer numa simples frase:

E para ganhar o pão duro tocára a cythara grega nos funeraes dos barbaros.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 311.

... que esse sangue cáia sobre as nossas cabeças! E alguns estremeceram — crentes de que todas as palavras têm um poder sobrenatural e tornam vivas as coisas pensadas.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 259.

Fatmé esperava-nos, magestosa e obesa, envolta em véos brancos, com fios de coraes entre as tranças, os braços nús — tendo cada um a cicatriz escura de um bubão de peste.

E. de Queiroz — A reliquia, p. 152.

Tes vièrges, en avalant leurs pleurs, joueront de la cythare dans les festins de l'étranger.

G. Flaubert — Trois contes, p. 210.

... lui jeta un anathème, croyant que les mots avaient un pouvoir effectif.

G. Flaubert — Trois contes, p. 174.

Dans une pièce voisine les gardes causaient à voix basse avec la servante, négresse d'Abyssinie qui portait sur les deux bras des traces de peste.

G. Flaubert — Correspondence, vol. I, p. 284.

e chegar uma quasi traducção à letra:

Mas todos (os deuses) se misturavam á vida humana, divinisando-a.

E. de Queiroz—A reliquia, p. 123.

Ou les rencontrait (les dieux) au bord des chemins, ou les possédait dans sa maison; — et cette familiarité divinisait la vie.

G. Flaubert —La tentation de saint Antoine, p. 218.

Era uma placa oval d'alabastro tendo gravada uma imagem do Templo.

E. de Queiroz —A reliquia, pag. 265.

... des représentations du temple, creusées dads un bloc d'albâtre.

G. Flaubert—Salammbô, pag. 79.

Em alguns casos a reminiscência de Flaubert impõe-se apesar de certas diferenças de forma e de pensamento:

... Um d'esses Guebros, adoradores do fogo e habeis nas artes, que vão descalços até ao Egypto, com fachos accesos, salpicar sobre a Esphynge o sangue d'um gallo negro.

E. de Queiroz—A reliquia, p. 265.

La face couverte d'un voile, et en secouant des flambeaux, il avait jété un coq noir sur un feu de sandaraque, devant le poitrail du Sphynx.

G. Flaubert— Salammbô, p. 201.

Quando o meu intestino se alliviava com estampido — a Humanidade sabia-o pelas gazetas.

E. de Queiroz—O mandarim, p. 59.

... et quand plein de murènes, de truffes et de pâtés, l'intestin du maître se dégageait avec fracas, l'univers attentif apprenait que César avait dîné!

G. Flaubert —La tentation de saint Antoine, p. 243.

A frase de Eça pode ser mais brilhante do que a equivalente de Flaubert:

Osiris com os seus cornos de boi, montava Isis; e, entre o estridor das harpas de bronze, ouvia-se por todo o Nilo o rugido amoroso da Vacca divina.

E. de Queiroz—A reliquia, p. 124.

Dieu à cornes de taureau tu t'étalais sur ma poitrine—et on entendait le mugissement de la vache éternelle!

G. Flaubert —La tentation de sain Antoine, p. 210.

ou perder o brilho na transposição portuguêsa:

E a belleza de Venus era como uma condensação da belleza da Hellenia.

E. de Queiroz—A reliquia, p. 125.

Je (Venus) faisais avec ma ceinture tout l'horizon de l'Hellénie,

G. Flaubert —La tentation de saint Antoine, p. 231.

Umas vezes Eça suprime um pormenor importante, como no exemplo seguinte, em que desaparece a frase *sans deserrer les lèvres*, que caracterizava a forma da alucinação:

... parou deante d'elle, e disse sorrindo: — entra contente na tua morada, que teu filho ha de ser um grande santo!

E. de Queiroz—Ultimas paginas, p. 12.

Il s'approcha de son chevet et lui dit, sans desserrer les lèvres: «— Réjouis-toi, ô mère! ton fils sera un saint! »

G. Flaubert— Trois contes, p. 96.

Outras vezes é o pensamento de Flaubert que sofre modificações que o diminuem:

A sua penitencia, durante vinte annos de claustro, fôra tão dura e alta que já não temia o tentador.

E. de Queiroz—Contos, p. 141.

... et ma pénitence fut si haute que je n'avais plus peur de Dieu.

G. Flaubert —La tentation de saint Antoine, p. 5.

Pela força da penitência, *n'avoir plus peur de Dieu* é sem duvida mais original e mais expressivo do que *não temer o tentador*.

Em alguns casos uma só passagem de Eça resulta da fusão de dois trechos do mesmo autor:

Parti, viajei sobriamente, sem pompa, com um bahú e um lacaio. Visitei, na sua ordem classica, Paris, a banal Suissa, Londres, os lagos taciturnos da Escocia; ergui a minha tenda diante das muralhas evangelicas de Jerusalém; e d'Alexandria a Thebas fui ao comprido desse longo Egypto monumental e triste como o corredor de um mausoléo. Conheci o enjôo dos paquetes, a monotonia das ruinas, a melancolia das multidões desconhecidas, as desillusões do *boulevard*.

E. de Queiroz—O mandarim, p. 71.

Il voyagea. Il connut la mélancolie des paquebots, les froids réveils sur la tente, l'étourdissement des paysages et des ruines, l'amertume des sympathies interrompues.

G. Flaubert—L'éducation sentimentale, p. 510.

L'Egypte s'étalait sous nous, monumental et sérieuse, longue comme le corridor d'un temple.

G. Flaubert—La tentation de Saint Antoine, p. 2.11

ou de autores diversos:

E então avistei, errando por cima dos penedos sobranceiros ao caminho, um homem estranho, bravio, coberto com uma pelle de carneiro, que me recordou Elias e todas as cóleras da Escriptura;

Une forêt de cheveux et de poils lui couvrait la figure, ne laissant voir qu'une petite bande du front, des pommettes cuivrées et deux yeux profonds et étincelants. Une vieille loque de poils de

o peito, as pernas pareciam de granito vermelho; por entre a grenha e a barba, rudes, emaranhadas, fazendo-lhe como uma juba feroz, os olhos refulgiam-lhe desvairadamente... Descobriu-nos; e logo, sacudindo os braços como quem arremessa pedras, despediu sobre nós todas as maldições do Senhor! Chamou-nos «pagãos», chamou-nos «cães»: gritava «malditas sejam as vossas mães, sêccos sejam os peitos que vos crearam!» Crueis e cheios de presagios cahiam os seus brados do alto das rochas: e, retardado pelos passos lentos da egua, Topsius encolhia-se na capa como sob uma saraiva inclemente.

E. de Queiroz—A reliquia, p. 193.

chameau, serrée à la taille par une courroie, lui descendait jusqu'aux genoux, laissant nus le cou, la poitrine, les jambes, les pieds que l'on aurait dit de granit rouge.

P de la Gattina — Les mémoires de Judas, p. 189.

Sur un monticule, à côté, un homme parlait. Il avait une peau de chameau autour des reins, et sa tête ressemblait à celle d'un lion. Dès qu'il m'aperçut, il cracha sur moi toutes les maledictions des prophètes. Ses prunelles flamboyaient; sa voix rougissait; il levait les bras comme pour arracher le tonerre. Impossible de fuir! les roues de mon char avaient du sable jusqu'aux essieux; et je m'éloignais lentement, m'abritant sous mon manteau, glacée par ces injures qui tombaient comme une pluie d'orage.

G. Flaubert—Trois Contes, p. 181.

Não pretendo ser completo. Registo apenas alguns exemplos que denunciam as influências exercidas por escritores estrangeiros sobre Eça de Queiroz, no intuito de contribuir para o estudo da sua personalidade literária.

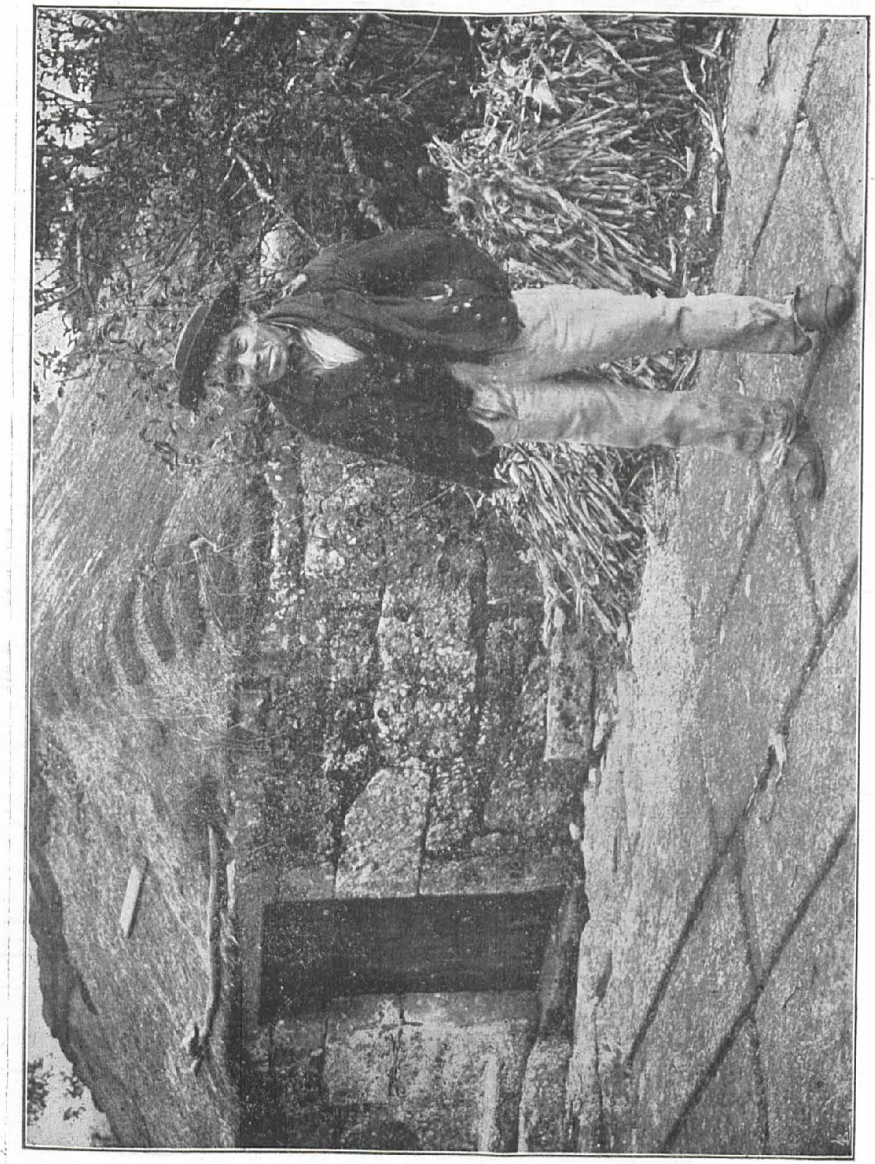
Essas influências em nada impanam o valor dos trechos esplêndidos, como são no *Mandarim* a visão de Pequim e no sonho da *Reliquia*, o discurso de Rabbi Robam, a conversa em casa de Gamaliel ou a scena da crucificação.

Apesar da penúria do vocabulário, o espírito romântico de Eça, sempre que podia evadir-se do prosaísmo actual, alargava-se com desusado brilho.

Era nos longes do tempo ou do espaço que ele se comprazia; e quer sonhasse por conta do «pulha D. Raposo» a Judeia de Antipas Herodes, quer romanceasse com a pena de Gonçalo Ramires a epocha de Afonso—o Gordo, quer se visse no Egipto com Fradique, na China com Theodoro ou na ilha de Ogigia com o astuto Ulisses, produzia páginas de admiravel e intenso colorido que ficarão na literatura portuguêsa, ainda quando se tiver perdido a lembrança das *blagues* do Ega, das *poses* de Fradique, dos fados do Videirinha e da pieguice bucólica do Jacinto de Tormes.

Guimarães, 24 de março de 1912.

João de Meyra.



Em Monte-Cordova (Photographado sem o saber)

(Cliché de José de Varziela)

Cantar de rapariga

(TRECHO DA POESIA «Mamã»)

A Primavera já veio;
Rouxinoes fazem o ninho.
Traduzi-lhes um gorgeio:
«Vem a mim meu amorsinho»

As rozas abrem as bocas
—Lindos labios tem as rosas!—
O que dirão essas loucas,
Que quererão as gulosas?

Ao dar com ele, na entrada,
Em mim seus olhos quedando,
Fiquei-me toda assustada,
Senti meus seios arfando,

Mas quando tornar a ve-lo
Dar-me-hei toda aos seus desejos.
O meu amor é tão belo!
Que bons serão os seus beijos!

Meus filhos serão os dele,
Os seus desejos os meus.
Eu sou como a corça imbele,
Ele é forte como um deus.

Pelo bem dum filho a gente
— Já minha mãe mo dizia—
Deixa a alegria contente
E sofre com alegria

O' voz do Povo, bem dizes
—A voz do Povo não erra—
Que os filhos são as raizes
Que mais nos prendem á Terra.

A's vezes, em sonhos, creio
Que me vem dizer baixinho
O meu amado (que enleio!)
«Vem a mim meu amorsinho».

Roberto Macedo.

O Amôr-silencio

Um original, este Paulo Augusto...

De largos olhos e cabelos d'um infinito loiro-palido e branco, como um luar crescendo, ele daria, é vêr, um lindo perfil para um medalhão londrino, sem mesmo lhe faltar a galhardia altiva da sua figura.

Um fino trato e conversador atrahente, cheio de fantasticas theorias tão bizarras, tão exoticas que a gente não resiste, ás vezes, a rir-se, rir-se d'elas até fazer envergonhar este Paulo Augusto, de largos olhos e cabelos d'um infinito loiro-palido.

Extremamente versado sôbre o coração feminino, este meu precláro amigo, estremece o falar d'amôr.

E vae assim, esta tarde, passeando, conversando, olhando os perfis leves como a arágem das mulheres bonitas que passavam por nós, como lhes sugerissem a ideia d'amôr disse-me Paulo Augusto, sacudindo os hombros...

Olha, meu caro; a puresa do amôr só se encontra no amôr profundamente em silencio... Pode a gente amár uma mulher, sem nunca lhe proferir um monosilabo...

—Eh! Paulo, novas theorias! (Pudéra não, sempre novas...)

—Duvidas?

—Decerto, que ideia...

—E Paulo Augusto abrindo muito os grandes olhos:

Não achas, que o amôr,—essa imensidade—é como que uma coisa exclusivamente contemplativa, adorativa, uma fusão d'olhares de fluidos enleios, tudo exprimindo, dizendo tudo, na sua linguagem quente feita de maciezas e quebraturas de vista, que têm os olhos das mulheres?

(Paulo, descobre-se ao pronunciar a palavra mulher).

—E as palavras macias e lindas, ó Paulo, cantantes e musicaes e leves, as palavras das raparigas meigas, com tanto poder d'encanto e luminosidade, como se fossem estrelas a abandonar os labios finissimos como fios de sêda...

Que mais impressionante, que uma boca pequêna de mulher, a falar d'amôr. —Paulo Augusto, não está consigo, nitidamente o vejo—.

E eu, em atitudes largas, fazendo uma oração ás palavras das mulheres...

As fálas das mulheres, tão volateis e sentidas que fazem recordar as melodias sensiveis ou as orações nervosas de Shumann!

Olha o ciciar da palavra amôr vibrada musicalmente nos labios delgados d'uma boca feminina...

Não é decerto, menos enternecedôr do que uma compridissima vibração de violino em resa de baladas...

E Paulo, muito agastado, com claro desprezo pelo que eu dizia...

Mas vê lá o reverso d'essa medálha de pérolas. Quantas mentiras se não dizem n'uma conversa d'amôr. A meáda das promessas firmadas com postiça sinceridade, as compridissimas juras impostas com a tristeza dos olhos, o turbilhão das fálas exageradamente falsas, e que querem passar como oiro de lei!...

E a mentira amavel?

— Não acredito que em amôr se minta.

—Não acreditas...

Olha que fraco conhecedôr.

Duvidas ainda da impostura delicada, trabalhada com nobres, maternaes cuida-

dos, até formar na imaginação imagens encantadoramente rendilhadas d'estylo e debruadas de setim, para terem maior maciesa?...

Não posso votar predileção pelo amôr-faládo... e demais a mais, nos Tempos d'Hoje, em que a impostura amorosa atingiu um infinito vulto, falando-se d'amôr a uma mulher, unicamente por passatempo ou exclusiva imposição da educação moderna. E como as mulheres já sabem cor responder-nos tão bem, sem estudo já, naturalmente, facilmente, falando, em amôr, mênos verdade do que nós... (pudéra, não).

Vamos passeando, conversando, olhando os corpos esguios e bem talhados das mulheres que passam, gráceis e afogadas em veludos e sedas e cássas finas...

São leves como plumas e pisam certo e flexiveis, na sua fragilidade de mágras, e vão glacilimas n'aquele ritmo do andar equilibrado, maravilhado...

E depois d'uns minutos, Paulo Augusto romanticamente, e quase de mãos erguidas, diz-me, como quem reza...

Olha, meu cáro, o encanto do amôr-mudo...

Muda e linda expressão,
fála no olhar o coração...
deixa-me vêr o teu olhar-setim...

Olhar, olhar...
com doçuras de luar!
O' meu olhar fála d'amôr por mim...

Nem balbucies meu amor, sequer!
Olha o maior encanto, e vêr, é vêr,
falar d'amôr uns olhos de mulher...

E vê lá...

Emagina uma mulher, d'olhos de fluida meiguice e afagadora doçura, espirituaes e negros-carvão, divinos na maneira de ser lançados... Olhos, que ao nascer fossem benzidos pela Paixão da Noite, e que tivessem no olhar maciezas de rosas-chá, alagados em claridade e lárgos como janelas abertas ao sol e com a franja dos cilios compridissima e cerrada, cheios de quebraturas de vista, macias, como as ondas gulosas dos veludos nêgros...

Paulo Augusto fáz comparações.

Olha estes olhos régios encastoados n'um leve pisado e n'um perfil egipcio, a falar d'amôr, sem os labios se abrirem n'uma palavra, que o coração pudesse julgar menos sentida...

Vê-os, exprimindo a verdade sem enfeites, nunca forçados á mentira, fixando-se se querem amar, desviando-se, se não querem.

Paulo Augusto, suspira...

O amôr em silencio...

—E' excelente prós mudos!

—Prós mudos?

—Pra toda a gente que fála, desalmado.

E vamos passeando, conversando, olhando.

Olha a gráça das raparigas que vão seguindo sob a lus doirada da tarde, ziguezagueando e dando-lhe no rôsto uma arágem de divina frescura, que parece azas d'anjo, roçando.

Escoam-se ondas dos seus vestidos côr de perola e lilaz e açafrão e os corpos leves, flexionam com maneiras de flôr, com flexibilidades de vime.

—Aquela moreninha que vem ali, alta e que trás uns crávos vermelhos, murchando no seio, é perturbante! Já a conheço de vista... diz Paulo Augusto. Quem me déra namorá-la com os olhos unicamente! Fundir os meus olhares nos d'ela, até mortificar e cançar a vista, até a baixar de cançáda e sem nada dizer como se eu fôra mudo...

Entardecer, sol a tombar saudosissimamente, horas de tristeza, pelo fim do dia...

E a moreninha que passa por nós leva-nos atrás d'éla, falando sempre e cravejando-lhe d'olhares o corpo delgado e as quebraturas de cinta e as encantadoras inflexões dos afilados e quebradiços rins...

Luiz Coelho.

Dr. A. A. S. Rodrigues Ferreira

Clinico abalisado, politico duma alta envergadura, caracter inconcusso, duma nobreza de fidalgo da antiga raça, aquelle nome, que os thyrsenses com veneração invocam, honra justamente esta pagina, consagrada aos nossos saudosos conterraneos.

O Dr. Antonio Augusto Soares, Rodrigues Ferreira foi, como medico, uma sumidade da epocha, que grangeou fama de clinico sabedor e habil, reputação justa, que pelos seus verdadeiros meritos echoou longe, e lhe trouxe a consideração de clientes que de muitas terras do paiz o consultavam.

Sempre correcto e altivo, mas generoso e bom, o Dr. Ferreira foi um politico notavel, que soube conquistar a sympathia popular, e a afeição dos seus adeptos.

Cada correligionario tinha por elle um culto, uma admiração verdadeira, que lhe inspirava aquelle caracter são e impoluto, que foi prodigo em benesses para os seus amigos, e que sempre prompto e desinteressadamente trabalhou para o levantamento d'esta terra.

O Dr. Ferreira nasceu a 24 de janeiro de 1834 em Valpedre, con-

celho de Penafiel. Era filho de D. Maria Carolina Lopes e do Dr. Joaquim Rodrigues Ferreira, e descendia da familia Passos, cujo principal representante, Manoel da Silva Passos, teve papel notavel na revolução de setembro de 1836, tendo entrado no primeiro ministerio setembrista, organisado pela rainha D. Maria II, com o Conde de Lumiares e o Visconde de Sá da Bandeira.

Frequentando a Universidade de Coimbra, foi um estudante distincto, formando-se em Philosophia e Medicina, curso que completou no anno 1857.

Alli se salientou, e em seguida foi para Penafiel, sendo então nomeado administrador do concelho.

Pouco tempo depois, o Dr. Ferreira começou a visitar Santo Thyrso, hospedando-se na Quinta do Mosteiro, que era habitada pelos seus tios José Pinto Soares, que aqui foi chefe dos setembristas, e D. Maria Passos, terras que adquiriram do Estado, depois da extincção do convento.

Só por uma noticia inserta no *Periodico dos Pobres*, jornal do Porto, talvez unico existente n'esse tempo, se soube quem era o Dr. Ferreira.

Depois dessa noticia cujo auctor elle desconhecia, começou a sua procura.

Tornou-se depressa conhecido pelo *medico do Mosteiro*, appelido com que os seus doentes o alcunharam.

Agradando-se então de Santo Thyrso, aqui abriu o seu consultorio, e conseguiu assim uma clinica extraordinaria, producto das suas bellas faculdades de espirito e da sua competencia.

Entrando na politica, militou denodadamente no partido progressista, do qual foi chefe, o que lhe trouxe luctas importantes que o celebrisaram.

Dominava a politica do concelho João Justiniano de Souza Trepa, que o Dr. Ferreira se propoz combater.

Resolveu d'accordo com o juiz d'essa epocha, trabalhar logo na primeira eleição, e com tal persistencia e enthusiasmo o fez, que bateu o adversario terrivel, ainda que por um voto apenas.

Foi administrador do concelho desde 23 de junho de 1879 a 15 de janeiro de 1880, logar que teve de abandonar n'esta data por ter sido eleito deputado ás côrtes pelo circulo de Santo Thyrso.

Ainda varias vezes mais esteve como auctoridade administrativa, desde 23 de março de 1886 a 22 de janeiro de 1890 e desde 17 de Fevereiro de 1897 a 11 de julho de 1900, como nos consta dos autos de posse da administração do concelho.

Tambem por vezes foi eleito presidente da Camara, e n'esta corporação se encontrou desde 9 de Março de 1868, até 2 de janeiro de 1874. E em 2 de janeiro de 1905 voltou a desempenhar esta missão que abandonou em 30 de Dezembro de 1907.

Nesta data funccionou a Camara com uma comissão administrativa, de vida ephemera, pois que em 15 de Fevereiro de 1908, regressavam áquelle logar os antigos companheiros do Dr. Ferreira, após a morte do rei D. Carlos, pela queda do franquismo.

O Dr. Ferreira porem devido ao seu estado de saude, foi substituido pelo vice-presidente e uma semana depois morria. No auto de posse desta Camara, em 2 de Março de 1908, está lavrado um voto de sentimento pela morte do rei D. Carlos, do principe real D. Luiz Filippe, e do Dr. Antonio Rodrigues Ferreira, tendo sido encerrada a sessão em signal de sentimento.

A preponderancia do Dr. Ferreira como politico foi immensa, o que lhe valeu todo o prestigio nas luctas eleitoraes, não só em Santo Thyrso, como nos circulos visinhos.

Por acaso chegou-nos ás mãos uma carta do Barão de Trovisqueira, chefe da politica progressista de Famalicão, que bem nos mostra a alta cotação em que era tido o Dr. Ferreira. Vem datada de 17 de Março de 1887, e entre outros periodos traz os seguintes: «Ainda não cumpri com o meu dever de agradecer a V. Ex.ª, a sua valiosa cooperação para o bom resultado da eleição para deputados, por este concelho, e já volto á sua presença, a solicitar outro grande e especialissimo favor, que é de resolver o seu bom amigo Dr. José Marques Coelho de Freitas, de Burgães, a vir aqui no proximo domingo 28 do corrente votar comnosco na eleição de Pares do Reino.

Como V. Ex.ª sabe esta eleição é aqui muito disputada, e temos a certeza de a vencer com a vinda do Dr. Coelho de Freitas.

Isto quer dizer que está na mão de V. Ex.ª e do seu amigo o vencimento ou perda d'esta importante e disputada eleição. Venho pois com o maximo empenho valer-me de V. Ex.ª, para que nos salve d'estes apertos. Será mais uma gloria para V. Ex.ª e uma nova obrigação em que ficarei constituido para com V. Ex.ª...

Estes poucos periodos retratam-nos o grande prestigio do Dr. Ferreira como politico, e justificam a consideração que lhe votava o grande estadista Conselheiro José Luciano de Castro, que n'elle falla sempre com phrases repassadas d'uma intensa saudade.

No espolio do Dr. Ferreira havia cartas importantes que poderiam fornecer-nos elementos para alongarmos a sua biographia, mas não se encontram, o que nos penalisa.

Uma carta porém surprehendemos que tem valor pelo signatario, o seu grande amigo Camillo Castello Branco, que n'ella synthetisa as preoccupações do seu espirito como clinico por sport, e os soffrimentos da sua vida.

Eis o seu conteúdo.

«Meu Ex.mo Amigo—D. Anna Pla-

cida soffre ha dias uma epistaxis, acompanhada de alguns escarros de sangue, que a meu ver são da garganta. A hemorrhagia repete-se 3 e 4 vezes por dia. Sente grande abatimento geral e particulamente na cabeça.

Os escarros são muito escuros, e não precedidos de tosse.

Tenho-lhe dado a aspirar vinagre (indicação do Chernoviz) inutilmente. Não lhe quero dar o incommodo de aqui vir; mas se V. Ex.ª indicar alguma coisa, o creado irá á pharmacia.

Eu cá vou vivendo com as minhas enormes dores d'alma e corpo. O Nuno foi ou vae amanhã para o Rio de Janeiro. De V. Ex.ª Am.º aff.º — Camillo Castello Branco».

Camillo, passando uma longa temporada em Santo Thyrso, installado na antiga hospedaria «Caroço», a que elle se refere nos seus romances, teve ocasião de apreciar o Dr. Ferreira, por quem sentia devotada consideração. Tiveram relações intimas n'esse tempo que aqui passaram juntos, e nunca mais Camillo deixou de o chamar, todas as vezes que a sua precaria saude, ou de qualquer membro de familia, necessitava dos cuidados medicos.

O Dr. Ferreira porem, e esta era uma caracteristica da sua vida clinica, recusava terminantemente a sua visita, sempre que o doente não podesse tirar proveito das suas prescripções.

Isto fez desesperar por vezes clientes seus, e não falhou a regra no proprio Camillo, que teve de recorrer ao Conselheiro José Luciano de Castro, para que, aproveitando-se da sua influencia, junto do Dr. Ferreira, conseguisse que este o visitasse.

Da Casa de Camillo Castello Branco, recebeu o Dr. Ferreira algumas prendas, entre ellas um rico tinteiro de prata que a familia ainda conserva, e um cavallo que lhe foi offerecido pelo Nuno, filho de Camillo.

Por esta offerta se vê que lhe conheceram a paixão pelos animaes.

Foi celebre um cavallo branco que o Dr. Ferreira possuiu, e que viveu mais de 30 annos, tendo-lhe servido para fazer a maior parte da clinica da sua vida.

Esse tão celebrisado solipede era tratado pelo conhecido Francisco do Mosteiro, com quem o Dr. Ferreira tanto se familiarisara, a ponto de ser encontrado muitas vezes á sua modesta mesa, servindo-se das grosseiras refeições que são proprias do nosso trabalhador.

Daquele animal contava o Dr. Ferreira proezas extraordinarias, que juntas a essa longevidade o tornaram precioso.

Ia para toda a parte sem necessitar o castigo, e mais do que isso mostrava-se conhecedor das casas dos clientes.

O Dr. Ferreira por vezes, tendo duvidas sobre um caminho ou a porta da casa do doente, abandonava as redeas do cavallo, e era certo que este lá ia ter, ainda que decorrido muito tempo da sua anterior visita.

Um outro episodio interessante passou-se na sua Quinta da Ermida.

O Dr. Ferreira esqueceu-se um bello dia, da hora de jantar, devido á insistente palestra que travára n'aquella sua propriedade, com um amigo.

O astuto e zelozo cavallo, receiando que a demora prolongada o fizesse esquecer a refeição, agarrou com os dentes o casaco do dono, e abeirando-se d'elle, com a cabeça o empurrava continuadamente, até que o Dr. Ferreira percebendo a insistencia, puxou do relogio e viu então que eram horas de jantar.

Querendo ser amavel para com o seu cavallo, amigo tão dedicado, o Dr. Ferreira não se fez esperar, e montando-o seguiu para casa, envaidecido com a finura maravilhosa d'aquelle companheiro.

Não foi menos curioso um cão que lhe pertenceu, e a quem elle chamava o seu *Leão*.

Tinha a especialidade de denunciar os assaltantes, e de os afugentar.

O Dr. Ferreira foi sempre corajoso, nunca desistindo das suas viagens nem visitas, ainda que ameaçado por cartas anonymas, quando na impossibilidade absoluta, como politico, de satisfazer todas as paixões. Conta-se, que tendo sido assaltado por um gatuno, desfechára o seu revolver, e a seguir fizera o curativo do ferido, um desgraçado a quem o Dr. Ferreira tão depressa perdoou.

O domesticado cão a que nos vinhamos referindo acompanhava o Dr. Ferreira para os seus serviços clinicos.

E sempre que alguem passava na direcção de quem guardava, parava subitamente, até que o Dr. Ferreira se distanciasse, e que o suspeito viandante desaparecesse.

A seguir áquelle nome, que tão justamente pelo seu saber e competencia de clinico tinha conquistado, o Dr. Ferreira teve uma phase na sua vida, de descrente, abandonando quasi a therapeutica.

Dos medicamentos novos desdenhava, não acreditando na sua eficacia e aborrecia-os pela designação complicada, que o obrigava a um esforço de memoria.

Começou a fazer uma clinica abreviada, cingindo-se aos vesicatorios, que elle applicava indistinctamente para qualquer dôr, nas enterites, e nas gastralgias, e até nas mãos.

Receitava muito o oleo de ricino, e a sua maior paixão era pela dieta lactea, e o leite de mulher.

Tornou-se o seu temperamento um pouco mais aspero, e por vezes quando o doente lhe pedia auctorisação para usar o vinho como bebida, o que elle não admitia em doente de especie alguma, systematicamente recusava a sua auctorisação de medico, e em vez de vinho, di-